



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO - CSE
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS -
CNM

DISCIPLINA: ECONOMIA CATARINENSE

PROFESSOR: LAURO MATTEI

SEMESTRE: 2023/01

**MICRORREGIÃO DE TIJUCAS: INDICADORES
DEMOGRÁFICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS.**

Pedro Antonio Chaves (20103877)

Pedro Cardoso Zimmermann (20101463)

Pedro Henrique Batista Otero (21202574)

Pedro Pegoraro Lopes (20101464)

1. INTRODUÇÃO

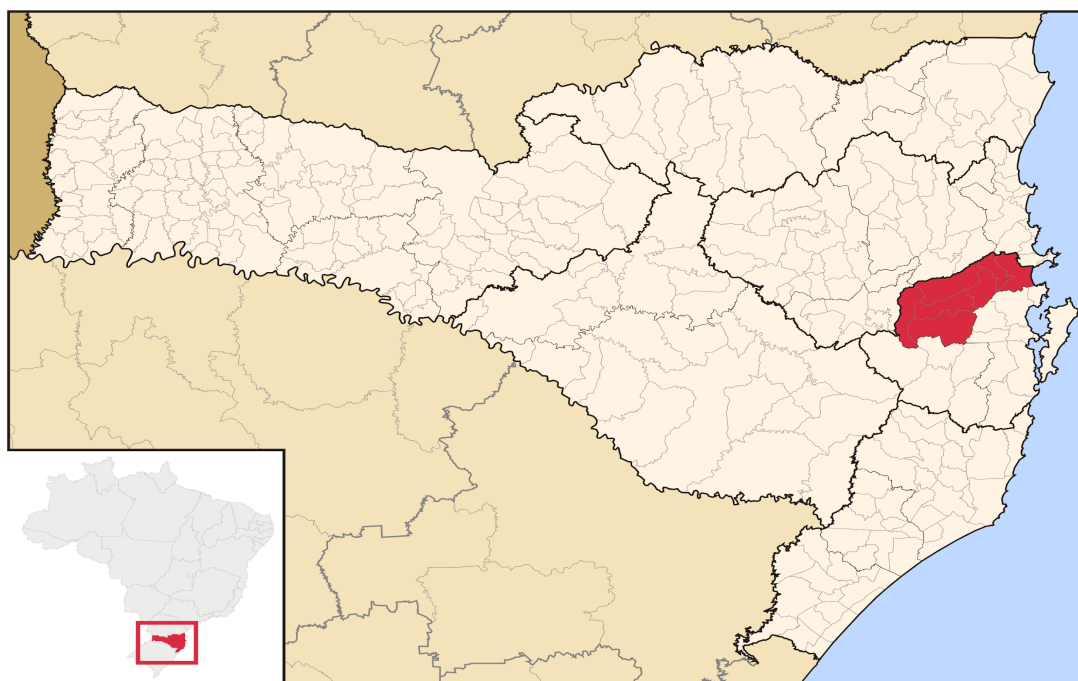
A microrregião de Tijucas é uma região localizada no estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, que ao longo das últimas décadas tem se destacado por sua economia dinâmica e cooperativa. O presente trabalho tem como norte explorar as principais atividades socioeconômicas que impulsionaram e impulsionam a MRG de Tijucas, examinando os setores que criaram para sua independência e identificando os desafios enfrentados para promoverem a atual conjuntura que a microrregião apresenta. Primeiramente, buscou apresentar um breve aparato sobre a composição político-administrativa da região, utilizando-se de fontes governamentais oficiais, e logo após foi feito um recorte da formação histórica econômica da região, desde o período da ocupação indígena até os tempos atuais, parte do trabalho que contou também com fontes governamentais além de demais bibliografias.

Posteriormente, foi realizada uma análise da evolução demográfica da região com dados disponíveis no IBGE, utilizando dados da série histórica a partir dos anos 2000. Além disso, foi efetuado um estudo sobre a estrutura e a evolução econômica da microrregião, e também analisado aspectos do contexto social da MRG, destacando pontos como a educação, o saneamento básico, a saúde e o IDH. Ademais, realizou-se uma análise das perspectivas econômicas e sociais da microrregião, sendo também sintetizada uma conclusão do trabalho, onde se buscou apresentar os principais aspectos que sobressaíram no estudo realizado, apontando as suas principais tendências.

2. LOCALIZAÇÃO E COMPOSIÇÃO DA MICRORREGIÃO

A microrregião de Tijucas, em Santa Catarina, é uma das três microrregiões que compõem a mesorregião da chamada Grande Florianópolis - também composta pelas microrregiões de Florianópolis e de Tabuleiro. A MRG de Tijucas situa-se ao norte da Grande Florianópolis, fazendo divisa com a mesorregião do Vale do Itajaí. Na classificação do IBGE (2022), a MRG de Tijucas é formada por sete municípios: Angelina, Canelinha, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, São João Batista e Tijucas. A Figura 1 ilustra a localização da MRG no estado, enquanto a Figura 2 mostra a distribuição geográfica dos municípios que a integram:

Figura 1: Localização da MRG de Tijucas no estado de Santa Catarina



Fonte: Wikipedia (2023).

Figura 2: Mapa político-administrativo da MRG de Tijucas.



Fonte: Diretório de Ruas (2023).

Juntos, os sete municípios possuem uma população de 117.282 habitantes e detém 2.133.440 km² de área (IBGE, 2020). Destacam-se os municípios de Tijucas, pelo maior contingente populacional (40 mil habitantes) e Leoberto Leal pelo menor (3 mil habitantes).

O município de Angelina possui a maior área da microrregião (499,998 km²), enquanto Canelinha assume o posto de menor município da MRG (151,008 km²).

3. FORMAÇÃO HISTÓRICA E ECONÔMICA

Os primeiros habitantes da microrregião de Tijucas foram os índios carijós, indígenas guaranis que ocupavam grande parte do território nacional (próximo ao litoral), estes sobreviviam mediante a pesca, a produção de farinha de mandioca e ao usufruto de produtos primários da natureza. Os índios carijós designavam por Ty-yuca (palavra guarani que significa lama ou banhado) o vale por onde corre o rio Tijucas - essa teria sido a origem do topônimo. Logo após a descoberta da parte sul do continente americano, surgiram as primeiras expedições europeias para o local. "As primeiras incursões de civilizados datam de 1530, quando Sebastião Caboto, navegante a serviço da Espanha, aportou na enseada da costa catarinense" (IBGE, 2023). Essas incursões normalmente serviam para realizar a captura de indígenas na região para que estes fossem comercializados em São Paulo.

O posterior processo da formação econômica e social da Microrregião de Tijucas se articulou, desde suas fases iniciais, às condições de colonização e ocupação de suas regiões fronteiriças: Grande Florianópolis e Vale do Itajaí. Com o desdobramento dos conflitos diplomáticos e militares protagonizados pelas Coroas espanhola e portuguesa no século XVII, a ocupação e controle do que hoje é o território catarinense passou a ser objeto de forte disputa entre ambas. Se, por um lado, a Metrópole buscava expandir o controle militar das regiões estratégicas ao acesso ao Prata, por outro, os paulistas foram atraídos pela caça aos indígenas e ao gado gaúcho (CEAG, 1980). Enquanto Laguna cumpria a função de entreposto para exportação do gado, Desterro se destacava muito mais pelas funções militares, de modo que seu excedente econômico era voltado à garantia de sua posição estratégica.

A primeira ocupação dos vales do rio Tijucas/SC foi levada a cabo pelo Capitão José Amorim Pereira em 1834. Aos poucos os colonos foram se instalando às margens do Rio Tijucas, fundando a colônia de Nova Itália, em 1836, e de São João Batista do Alto Tijucas, em 1838. Em 1847 é fundada a colônia de São Sebastião da Foz do Tijucas. Embora as províncias da região sul estivessem associadas ao conjunto da economia nacional a partir do circuito do gado (criado no Rio Grande do Sul e comercializado nas feiras em São Paulo), eram estranhas ao lucrativo comércio agro-exportador do período colonial (ROSA, 2014). As comunidades do litoral sul eram caracterizadas pela pequena produção mercantil diversificada, cujos víveres eram comercializados no Sudeste e Nordeste. A organização

dessas comunidades em pequenas propriedades dotou a região de características singulares no curso de seu desenvolvimento desde os primórdios.

Goularti (2016) destaca que a colonização do território catarinense, desde o início, se engendra no processo de formação econômica do Brasil. A segunda metade do século XIX é marcada, no Brasil, pelo fim do tráfico de escravos e pela promulgação da Lei de Terras. Estes fatores, conjugados aos conflitos econômicos e territoriais decorrentes das contradições entre feudalismo e desenvolvimento capitalista na Itália, tornam as condições sócio-políticas favoráveis à vinda de imigrantes italianos às terras catarinenses (ALBUQUERQUE, 1976). Ao Império brasileiro era interessante pela expansão da força de trabalho e pela ocupação territorial, enquanto aos imigrantes tal empreitada aparecia como uma nova oportunidade de vida e trabalho.

A geografia da região do Rio Tijucas é marcada por terrenos sedimentares formadores de vasta planície quaternária e constante deposição orgânica fornecida por significativa rede hidrográfica (PELUSO, 1991), condições favoráveis ao desenvolvimento agrícola, atividade de profunda importância econômica na região. O estabelecimento da colônia em pequenas unidades produtivas tinha como principais produtos a cana-de-açúcar - da qual derivaram o açúcar, o melão e a cachaça -, a farinha de mandioca e a madeira, que, além de garantir a subsistência das famílias, possibilitou a aquisição de importantes valores de troca em transações com o planalto catarinense. É a partir dessa pequena produção mercantil que vai se constituindo o capital comercial na região, que se torna hegemônico a partir do estabelecimento das primeiras fabriquetas de calçado e das usinas de açúcar - que exigia pouco capital, baixo nível tecnológico, podia ser cultivada em pequenas áreas com mão-de-obra familiar.

Rosa (2014) caracteriza o sistema da colônia da seguinte maneira:

“A colônia correspondia à unidade de produção policultora na qual o colono, utilizando a mão-de-obra familiar, produzia surtidos gêneros agrícolas para o sustento da família e um excedente comercializável. Já a venda caracterizava o pequeno comércio cristalizado nas casas de “secos e molhados” onde o colono deixava seu excedente trocando-o por gêneros não produzidos na colônia, a exemplo das fazendas para produção têxtil, calçados e ferramentas para o trato dos animais e agricultura.” (p. 57).

A rede comercial que se forma na região a partir deste período deve-se à impossibilidade dos produtores transportarem sua produção aos mercados regionais,

conformando-se à função de intermediadores entre o núcleo colonial e esses mercados, situação favorecida pela existência de um porto (ainda que em condições precárias), que recolhia os produtos produzidos na região e os exportava para outros centros comerciais. A divisão das terras em pequenas propriedades produtivas, em contraste com a prática de latifúndios na região do planalto, criou condições favoráveis para o surgimento de um excedente de produtos comercializáveis. Além disso, contribuiu para o desenvolvimento de um mercado consumidor dinâmico a nível local e regional, o que foi um elemento importante para a consolidação de uma economia capitalista na região.

A condição geográfica privilegiada de “nó de passagem” é um dos fatores fundamentais no desenvolvimento do comércio na região do Rio Tijucas, uma vez que servia como ligação a importantes zonas econômicas do estado, beneficiando-se do escoamento de mão de obra excedente das regiões industrializadas no Vale do Itajaí. Silva (2010) destaca ainda a importância das rotas que ligavam São João Batista a Lages para o desenvolvimento comercial da região. Essa característica fez com que, diferentemente do que ocorreu com o surto de industrialização no Vale do Itajaí (que já nasce com capital intensivo oriundo do contato com a Alemanha), na região do Rio Tijucas, a hegemonia do capital comercial se estendeu continuamente, associando-se e coordenando a acumulação nas atividades agrícolas. Isso gerou efeitos dinamizadores no comércio, que propiciou uma ampliação da divisão social do trabalho e desenvolvimento do artesanato - às margens do desenvolvimento comercial incorporado nas casas de secos e molhados.

Com a proclamação da República, a emergente burguesia comercial catarinense passa a assumir maior destaque na cena política local e regional. A descentralização republicana permitiu uma maior liberdade econômica e apoio às elites locais (PRADO JR, 1982). O ideário desenvolvimentista que permeou o governo estadual durante o século XX preconizava uma política de estímulo ao desenvolvimento das forças produtivas, assim como a integração do estado a partir de importantes centros regionais. Nesse contexto, a região de Tijucas desponta como importante centro regional, baseado no comércio de mercadorias e distribuição a partir do porto de produtos produzidos nas imediações. Depois da década de 1920, Nova Trento demonstra-se incapaz de firmar-se enquanto um centro econômico regional, sendo seu desenvolvimento catalisado lateralmente pela força expansiva da industrialização brusquense. Este foi o lugar ocupado por Nova Trento dentro do sistema de importação-exportação em que estava inserida a economia catarinense, dependente do centro econômico formado pelo eixo Rio de Janeiro - São Paulo (CEAG, 1980).

Na medida em que a qualidade do solo era ruim e as técnicas agrícolas dos trentinos eram rudimentares, a baixa produtividade agrícola colocava um dilema diante do colono: ao buscar a produção para subsistência, não conseguia se dedicar a produção de um produto específico de valor no mercado para extrair excedente. Nesse sentido, a agricultura neotrentina se especializou na produção de alimentos, tais como arroz, mandioca, batata, café, cana de açúcar, feijão, milho, banana e laranja. Além disso, produtos como algodão, fumo e linho também constavam entre os itens produzidos.

O comércio neotrentino teve um crescimento notável, levando ao surgimento de uma elite local que governou por grande parte do período. No entanto, ao longo do tempo, perdeu-se a iniciativa econômica, que antes era dominada pelos comerciantes, e aumentou a dependência de centros urbanos próximos. A agricultura, com produtos de origem europeia, foi praticamente abandonada, sendo substituída por culturas adaptadas ao clima e ao mercado local. A indústria, que estava fortemente ligada ao comércio, dependia das condições favoráveis no mercado regional. A maioria das empresas nesse setor eram de natureza familiar, sendo que apenas uma delas, de origem externa, alcançou um tamanho médio.

A fundação da Usina de Açúcar de Tijucas/SC (USATI) no ano de 1944 foi um marco para o crescimento econômico da região. Em vista das oportunidades e do crescimento da indústria da cana-de-açúcar, Benjamim Duarte organizou uma sociedade com a participação de investidores de diferentes regiões, tais como Tijucas, São João Batista, Florianópolis, Rio de Janeiro e Pernambuco. De acordo com Silva (2010), o crescimento e consolidação da USATI no período da Ditadura Militar refere-se aos acordos negociados juntos ao governo para isenção de IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), o que possibilitou um alargamento dos lucros. Não por acaso, com a queda do regime militar houve um corte da isenção de IPI que abalou significativamente a produção, de modo que encerrou suas atividades em 1992. Para Mamigonian (2011), a USATI, junto a outras importantes empresas catarinenses, tais como WEG, Tupy e Hering, foi responsável pela integração do estado catarinense ao centro dinâmico da economia brasileira.

Além do contexto de incentivo à produção açucareira na região, outro fator que inibiu o crescimento da atividade calçadista no período diz respeito ao caráter inelástico desse mercado, além da operação em condições de informalidade. No entanto, com a crise da USATI, o segmento calçadista aparece como principal foco de absorção de mão-de-obra e investimentos frente ao vácuo deixado. O impulsionamento da fabricação de calçados vêm como desdobramento da manufatura do couro (produzido em pequenas unidades artesanais, reduzindo a dependência de outras cidades) e do crescimento das atividades econômicas em

decorrência da posição geográfica privilegiada de São João Batista. Se no início do século XX a produção de calçados na região atendia a um limitado mercado local, com o deflagramento da Primeira Guerra Mundial - e conseqüente estancamento do comércio internacional - passa a haver um aumento significativo na demanda, impulsionados pela proletarização dos trabalhadores em Brusque e Blumenau como resultado desse mesmo evento. Além de calçados, a exportação de couro passou a ser uma atividade bastante atrativa, na medida em que a demanda europeia para fabricação de botas militares e os bons preços do produto no mercado concatenaram a produção neste segmento. Todo esse cenário fez com que, em poucas décadas, a produção de calçados saísse da condição artesanal de apêndice à produção de couro, expandindo sua produção e atendendo outros mercados consumidores regionais em expansão.

Segundo Rosa (2014), não há mudanças significativas na indústria calçadista batistense nos anos 1960, dado que esta “Continua se desenvolvendo com base nos pequenos negócios familiares e ancorada no atendimento ao mercado regional, atingindo outros mercados apenas com iniciativas isoladas pouco significativas.” (p. 80). Na década de 1970, o capitalismo global passa pelo processo denominado por Harvey de acumulação flexível, caracterizado pela:

“[...] flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. [...] rápidas mudanças dos padrões de desenvolvimento desigual entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego do chamado ‘setor de serviços’, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas.” (p. 140)

No caso brasileiro, a indústria de calçados passa a ter maior participação no mercado mundial, aprofundando sua integração da divisão internacional do trabalho. No entanto, a inserção calçadista nesse processo se deu de forma desigual. As fábricas modernas, instaladas principalmente em Franca/SP e Novo Hamburgo/RS, contavam com tecnologia mais desenvolvida e maiores produtividades, conseguindo se inserir no circuito das exportações. Já a indústria batistense permanecia com características artesanais, baixa produtividade, maquinários defasados e sem tanta especialização produtiva, voltando-se aos mercados locais/regionais e, em alguma medida, ao mercado nacional.

Na medida em que o circuito exportador voltava-se, em larga medida, a acompanhar os impulsos externos, durante as décadas de 1970 e 1980 houve redução considerável nas

linhas de produção, que praticamente abandonaram os setores de criação e desenvolvimento. Ao focar nos mercados externos mais atrativos, foi deixado um vácuo referente ao mercado interno, que exigia produção diversificada com base em novos métodos de produção, alavancando as empresas de segundo escalão. Nesse sentido, a indústria calçadista de São João Batista passa por um processo de integração ao mercado nacional pela especialização produtiva, voltada à produção de calçados femininos e direcionando seus produtos aos mercados periféricos (regiões Norte e Nordeste), afastados das principais indústrias. Por conta de a maioria das indústrias dessa região operarem na informalidade, foram impedidas de acessar financiamentos voltados a outras indústrias catarinenses.

Um marco no desenvolvimento econômico no Vale do Rio Tijucas data de 1979, quando a Cerâmica Portobello se instala na região. Esta se destaca pela alta concentração tecnológica voltada à produção de uma linha cerâmica nobre, orientada tanto ao mercado nacional quanto internacional. Esse evento trouxe impactos profundos no mercado de trabalho, que se expandiu intensamente, gerando ainda um impulso do comércio na região. No entanto, a empresa em questão utiliza matéria prima de alta qualidade e pureza, extraída fora da região de Tijucas. Na atualidade, a indústria cerâmica configura-se como uma das principais atividades econômicas da região do Rio Tijucas, operando com indústria de pequeno, médio e grande porte espalhadas por Canelinha, Tijucas e, em menor escala, em São João Batista. Na medida em que são empresas familiares com características artesanais, são pouco intensivas em mão de obra, que não demanda especialização.

Embora a atividade cerâmica tenha sido impulsionada na década de 1980, existem olarias na região desde início do século XX, favorecidas por dois fatores: pela abundância de argila aflorante às margens do Rio Tijucas e pela técnica e tradição trazidas pelos imigrantes europeus. A localização da região próxima aos maiores polos consumidores no estado viabilizou a constituição dessa atividade no ramo industrial, beneficiando-se do desenvolvimento industrial no Vale do Itajaí, do crescimento populacional de Florianópolis, assim como da intensificação da urbanização e ampliação do mercado consumidor. Investimentos na instalação de novas e mais modernas unidades industriais foram beneficiados pela abertura de crédito do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), ampliando não apenas a produção industrial como também a extração mineral de matéria prima, que se modernizou conjuntamente.

O ano de 1986 é marcante no desenvolvimento da indústria calçadista, dado que o Plano Cruzado trouxe como consequência uma restauração do consumo de bens não duráveis a partir dos ganhos obtidos pelas classes baixas. A nova conjuntura econômica, combinada à

retração da USATI e da indústria têxtil no Vale do Itajaí, gerou um excesso de demanda que dinamizou e ampliou o setor calçadista, responsável por absorver o excedente de mão-de-obra e recursos financeiros, tornando-se o principal agente de desenvolvimento econômico na região. Esse período é marcado pela reestruturação industrial e reaparelhamento produtivo, com ampliação das condições estruturais favoráveis ao crescimento industrial na região.

A política de liberalização econômica levada à cabo na década de 1990 trouxe fortes impactos à produção calçadista, sobretudo como resultado do fim das barreiras fiscais e isenções tributárias, assim como pelas alterações no câmbio:

“A valorização da moeda brasileira frente ao dólar estadunidense, a partir de 1994, magnificou os efeitos da redução tarifária (redução que a rigor exibiu, ao longo da década, comportamento de oscilação das alíquotas de importação médias), provocando avalanche de importações e, *pari passu*, aprofundando ainda mais a concorrência de produtos estrangeiros nos mercados internos.” (p. 114).

Nesse sentido, durante a década em questão a indústria calçadista sofreu com sucessivas quedas na produção e nas receitas. Somente em 1999, com a desvalorização do Real que houve uma trégua à indústria calçadista nacional. As pressões competitivas no mercado interno colocou como imperativo que as indústrias nacionais operassem uma reestruturação de sua produção, tendo como norte a modernização das práticas gerenciais e a focalização de atividades. Como consequência, houve um enxugamento do quadro de funcionários, assim como uma reorganização geográfica na indústria de calçados (NUNES & MATTEI), visando um barateamento de custos.

O período de abertura comercial durante a década de 1990 impulsionou largamente a produção de fumo na região de Angelina. Ao longo do tempo, outras companhias foram aparecendo e, atualmente, são ativas na região a Souza Cruz, a Alliance One, a Universal Leaf Tobaccos e a CTA. Segundo dados do IBGE-PAM (2008), a produção de fumo em folha no município de Angelina cresceu 155,8% entre o período de 1990 e 2008, passando de 450 toneladas para 1.151 toneladas. Ainda de acordo com o IBGE-PAM, em 2008 a produção de fumo ocupou o primeiro lugar em valor anual de produção no município, seguida pela produção de cebola, tomate, milho e batata-inglesa. Além destas culturas, são também plantados feijão, batata-doce, mandioca, cana-de-deaçúcar, alho, arroz, pêsego, uva, laranja e pêra. A fumicultura em Santa Catarina começa a se integrar à agroindústria desde a década de 1950, por meio da empresa Souza Cruz, que vinha expandindo seus negócios no estado.

capital fumageiro encontra na região Sul do Brasil condições favoráveis à sua expansão, expressa no alargamento da área de produção de fumo utilizada na região Sul e na subsunção real do trabalho dos fumicultores da região Sul, movimento que se inicia no Rio Grande do Sul, passando por Santa Catarina e posteriormente Paraná.

Ainda que o município tenha se integrado à agroindústria durante a década de 1950 - com a atuação da empresa Souza Cruz, que vinha expandindo seus negócios no estado. Com o tempo, outras companhias foram aparecendo, tornando-se ativas na região até a atualidade - Alliance One, Universal Leaf Tobaccos e a CTA. De acordo com os dados divulgados pelo IBGE (2008) acerca da Produção Agrícola Municipal, a produção de fumo em folha no município de Angelina cresceu 155,8% entre o período de 1990 e 2008, passando de 450 toneladas para 1.151 toneladas. Ainda de acordo com o IBGE-PAM, em 2008 a produção de fumo ocupou o primeiro lugar em valor anual de produção no município, seguida pela produção de cebola, tomate, milho e batata-inglesa. Outras companhias subsequentes. O capital associado à indústria fumageira encontrou na região catarinense circunstâncias favoráveis à sua ampliação, muito por conta do alargamento da área de produção de fumo utilizada e na exploração do trabalho dos fumicultores da região, movimento que tem início no Rio Grande do Sul, passando por Santa Catarina e posteriormente Paraná.

O município de Leoberto Leal também se destaca pelo protagonismo da produção agrícola, com destaque para o cultivo de cebola e fumo. O município é um dos principais produtores de cebola em Santa Catarina, estando entre os dez maiores do estado. Sua produção é destinada a mercados locais, como Blumenau e Brusque, e também a outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro. No entanto, a situação da indústria em Leoberto Leal é bastante precária. Em 1990, havia apenas seis estabelecimentos industriais no ramo madeireiro, empregando cerca de sessenta e cinco pessoas. A produção de madeira beneficiada era destinada a cidades como Rio do Sul, Blumenau e São Paulo. Atualmente, o setor industrial praticamente não existe no município. Em contraste com a indústria, o comércio e os serviços desempenham um papel significativo em Leoberto Leal, embora atendam principalmente às necessidades locais. No entanto, o comércio local não oferece uma ampla variedade de produtos, especialmente os mais elaborados ou duráveis, levando a população a buscar suprir essas necessidades em cidades próximas, como Ituporanga, Rio do Sul, Brusque, São João Batista, Tijucas e Florianópolis.

A partir da década de 2000, as empresas calçadistas da região passam a exportar sua produção, tendo como destinatários principalmente países da América Latina. Concomitantemente, nota-se uma expansão tanto da indústria calçadista quanto de unidades

produtivas complementares, por exemplo indústria química, de solados injetados e de embalagens. Em larga medida esse processo é resultante de um movimento de horizontalização do capital, dado que os investimentos nos ramos auxiliares foram empreendidos por empresários do setor calçadista, buscando fomentar o desenvolvimento de uma cadeia completa, autonomizando-se diante das regiões mais consolidadas no ramo.

4. EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA DEMOGRÁFICA

A Tabela 1 apresenta a evolução populacional da MRG de Tijucas e dos municípios que a compõem. Atualmente, estima-se que a população da referida microrregião consiste em 121 mil habitantes, o que corresponde a 1,6% do total da população residente no estado de Santa Catarina. As cidades mais populosas da microrregião são, respectivamente, Tijucas (49,4 mil habitantes), São João Batista (32,4 mil) e Nova Trento (13,6 mil), que juntas representam 79% da população da MRG.

Percebe-se que, de 1991 a 2022, São João Batista e Tijucas são os municípios com maior crescimento populacional, com variações de 154% e 152%. Há um claro movimento de concentração populacional nas maiores cidades da MRG, haja vista que as cidades que já contavam com maiores populações tiveram crescimentos demográficos bastante fortes, ao passo que as cidades com as menores populações cresceram pouco (Major Gercino variou em 3%) ou decresceram, como é o caso de Leoberto Leal (-22%) e Angelina (-12%). Em grande medida o crescimento demográfico de São João Batista refere-se à expansão da indústria calçadista, enquanto em Tijucas tal movimento foi protagonizado pela produção mineral não metálica e comércio varejista.

No caso dos municípios com decréscimos populacionais, destaca-se que, além do predomínio do setor agropecuário baseado na pequena produção familiar, sendo pouco intensivo em mão de obra, fatores referentes à qualidade de vida também influem no processo. De acordo com Cunha (1998):

“Particularmente no caso de Leoberto Leal o êxodo rural pode ser considerado como um processo econômico-social negativo, uma vez que “expulsa” a população rural devido as más — e por que não dizer, — péssimas, condições de vida, resultantes da baixa rentabilidade das atividades agrícolas, (muito presentes nos últimos anos), notadamente na pequena produção. A estes elementos, deve-se acrescentar também o peso da influência da situação de baixa qualidade e quantidade dos serviços básicos e de infra-estrutura prestados pelo Município, tanto na área rural quanto na área urbana do

mesmo. Assim, a população leobertense busca suprir essas necessidades em áreas urbanas de outros municípios.” (CUNHA, 1998, p. 162).

Tabela 1: População residente por município, MRG Tijucas (1991, 2000, 2010 e 2022*)

Município	1991	2000	2010	2022	Varição
Angelina	6.268	5.776	5.250	5.497	-12%
Canelinha	8.165	9.004	10.603	12.759	56%
Leoberto Leal	4.268	3.739	3.365	3.334	-22%
Major Gercino	3.785	3.143	3.279	3.887	3%
Nova Trento	9.122	9.852	12.190	13.645	50%
São João Batista	12.765	14.861	26.260	32.360	154%
Tijucas	19.650	23.499	30.960	49.474	152%
Total MRG	64.023	69.874	91.907	120.956	89%

*Para 2018 considera-se a estimativa populacional calculada e divulgada anualmente pelo IBGE.

Fonte: IBGE (2022); Elaboração própria.

A Tabela 2 ilustra a composição étnica das cidades que compõem a referida microrregião. Percebe-se que, se a realidade catarinense já difere radicalmente do observado no Brasil (maioria da população declara-se como não-branca), este quadro é ainda mais agudo na MRG de Tijucas. Há um claro predomínio da população branca em todas as cidades da MRG, o que se explica pelo próprio processo de colonização da região, uma vez que houve grandes levas de imigrantes alemães e italianos nesses municípios. Se no estado a soma das populações não-brancas corresponde a 16% do total, na MRG de Tijucas esse percentual é de 10,8%. Destaca-se que, em Leoberto Leal, a quase totalidade da população é autodeclarada branca, e que há baixíssima presença indígena (assim como em Angelina e São João Batista).

Tabela 2: Proporção da população residente por etnia em município, MRG Tijucas (2010)

Município	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Angelina	97,6%	0,6%	0,2%	1,5%	-
Canelinha	86,3%	3,0%	0,1%	10,3%	0,3%
Leoberto Leal	99,0%	0,1%	0,0%	0,8%	-
Major Gercino	95,0%	0,8%	0,1%	2,0%	2,2%
Nova Trento	92,6%	0,7%	0,2%	6,4%	0,2%
São João Batista	89,1%	1,9%	0,2%	8,7%	0,1%
Tijucas	85,9%	4,4%	0,2%	8,8%	0,7%
Total MRG	89,2%	2,5%	0,2%	7,7%	0,4%
Total SC	84,0%	2,9%	0,4%	12,4%	0,3%

Fonte: IBGE (2010); Elaboração própria.

Conforme a Tabela 3, nota-se que, na MRG de Tijuca, apenas três municípios possuem densidade demográfica superior à média estadual de 65,27 hab/km²: São João Batista (130,8 hab/km²), Tijuca (110,9 hab/km²) e Canelinha (70,2 hab/km²). Esse indicador torna ainda mais visíveis as disparidades demográficas entre os municípios, na medida em que a densidade do município mais populoso é quase dez vezes a do menos populoso (Angelina - 10,5 hab/km²). No caso de São João Batista e de Tijuca, tais características remetem a alguns pilares de sua formação histórica e econômica, na medida em que tais regiões constituíram-se como importantes intermediários econômicos na região. No caso de São João Batista, destaca-se o protagonismo da indústria calçadista e da produção de açúcar, na formação de um centro urbano já no começo do século XX, enquanto em Tijuca foi a própria posição estratégica de “nó de passagem” que a conformou enquanto importante centro comercial e logístico no período. No caso de Canelinha, esse movimento de concentração demográfica é puxado pelo desempenho da indústria fumageira na região.

Tabela 3: Densidade demográfica por município, MRG Tijuca (2010).

Município	Densidade Demográfica (hab/km²)
Angelina	10,5
Canelinha	70,2
Leoberto Leal	11,5
Major Gercino	10,7
Nova Trento	30,3
São João Batista	130,8
Tijuca	110,9
Densidade MRG	43,1

Fonte: IBGE (2010); Elaboração própria.

Conforme observado na Tabela 4, percebe-se que os municípios mais povoados e populosos são também os de maior concentração populacional em áreas urbanas. De maneira oposta, os menores municípios concentram a maior parte de suas populações em áreas rurais. No agregado, a MRG de Tijuca concentra 75% da população em áreas urbanas. Também a urbanização é explicada, em larga medida, pela composição setorial da atividade econômica. Os municípios com maior participação agrícola, como Angelina e Leoberto Leal, são os que correspondem aos menores níveis de população em área urbana, ao passo que os municípios

que experienciaram uma evolução econômica sustentada na indústria e no comércio concentram a maior parte de seus habitantes na cidade.

Tabela 4: Proporção da população residente em área urbana por município, MRG Tijucas (2010)

Município	Urbano	%	Rural	%
Angelina	1.123	21%	4.127	79%
Canelinha	6.726	63%	3.877	37%
Leoberto Leal	820	24%	2.545	76%
Major Gercino	1.249	38%	2.030	62%
Nova Trento	9.129	75%	3.061	25%
São João Batista	23.551	90%	2.709	10%
Tijucas	26.002	84%	4.958	16%
Total MRG	68.600	75%	23.307	25%

Fonte: IBGE (2010); Elaboração própria.

5. ESTRUTURA E EVOLUÇÃO ECONÔMICA DA MICRORREGIÃO (PRIMÁRIA, SECUNDÁRIA E TERCIÁRIA)

Visando compreender as principais características setoriais que dinamizam a economia da região, a Tabela 5 demonstra a evolução da participação dos setores de atividade econômica no PIB da MRG de Tijucas, em comparação com o agregado estadual.

Tabela 5: Participação dos setores de atividade econômica no PIB, MRG Tijucas e Santa Catarina (2002 e 2020).

	Agropecuária		Indústria		Serviços		Administração Pública	
	SC	MRG	SC	MRG	SC	MRG	SC	MRG
2002	10,3%	11,4%	31,2%	32,5%	45,3%	38,6%	13,3%	17,4%
2020	6,7%	5,8%	27,0%	31,1%	53,2%	46,1%	13,0%	17,0%
Var. Part.	-3,5%	-5,7%	-4,2%	-1,4%	7,9%	7,5%	-0,2%	-0,4%

Fonte: IBGE (2020); Elaboração própria

Na análise setorial, percebe-se que a MRG de Tijucas se destaca da média catarinense, principalmente, por uma maior participação da indústria - puxada sobretudo pela fabricação

de calçados. Ainda que este setor tenha sofrido uma queda significativa no estado (-4,2%), nota-se que na MRG essa queda foi atenuada, muito por conta dos fatores enunciados por Rosa (2014) - especialização produtiva e disputa por mercados locais alheios à concorrência das indústrias do “circuito superior”. Se em 2002 a diferença na participação percentual era de 1,3%, em 2020 esse indicador se expande para 4,1%.

Quanto às mudanças recentes, nota-se que a queda na participação da agropecuária na MRG (-5.7%) foi superior à observada no estado (-3,5%). Enquanto em 2002 a participação da agropecuária no PIB da MRG supera a participação do setor no PIB estadual em 1,1%, em 2020 a participação na MRG é 0,9% inferior ao observado em Santa Catarina. O decréscimo da agropecuária aparece como decorrência do processo de concentração econômica e demográfica nos maiores municípios da MRG, haja vista que nos municípios menores o setor agrícola não se consolidou com o mesmo grau de dinamismo observado na indústria e nos serviços em Tijucas e São João Batista.

A Tabela 6 indica a participação dos municípios no PIB da microrregião sob o recorte setorial. Fica evidente que a queda da indústria na MRG foi sustentada, em sua maioria, pelo crescimento da participação de Tijucas e Nova Trento, o que possibilitou uma variação menos negativa do que o observado no estado. Os dados em questão representam a influência do município de Tijucas para o PIB da MRG, na medida em que desponta com as maiores participações setoriais, com exceção da agricultura, protagonizada por Angelina. Mais da metade do PIB do setor de serviços na MRG é gerado pelo município de Tijucas, o que remonta ao papel estratégico desempenhado por ele na articulação da MRG aos centros econômicos que circundam a região.

Tabela 6: Participação % dos municípios no PIB da MRG por setor econômicos (2002 e 2020).

Municípios	Agropecuária		Indústria		Serviços		Administração Pública	
	2002	2020	2002	2020	2002	2020	2002	2020
Angelina	24,97	30,04	2,32	1,7	3,76	2,55	7,7	4,6
Canelinha	6,47	3,19	5,8	4,04	6,37	5,46	11,97	10,23
Leoberto Leal	25,73	27,56	1,14	0,96	2,05	1,97	5,44	3,52
Major Gercino	11,14	5,49	1,34	0,57	1,97	0,88	5,01	3,54
Nova Trento	9,94	8,8	23,13	29,47	13,06	10,48	13,88	12,13
São João Batista	7,26	8,35	27,77	23,91	22,93	21,83	21,13	29,93
Tijucas	14,5	16,57	38,51	39,36	49,86	56,83	34,86	36,05

Fonte: IBGE (2020); Elaboração própria.

A Tabela 7 apresenta os dados referentes ao PIB per capita de cada município da MRG em 2010 e 2020, assim como suas respectivas variações percentuais no período. Se em 2010 Nova Trento representava o maior PIB per capita da MRG (40,9 mil reais), em 2020 esse posto é assumido pelo município de Tijucas, cujo valor de 48,4 mil reais representa um crescimento de 24% comparado a 2010 - segundo maior entre os municípios, atrás somente de Leoberto Leal (49%). Em 2020, o menor PIB per capita entre os municípios da MRG refere-se a Major Gercino (15,6 mil reais), que passou por uma queda de 15% comparado ao ano de 2010. A maior variação negativa foi protagonizada por São João Batista, na ordem de -28%, ocupando o posto de terceiro menor PIB per capita da MRG em 2020 (22,9 mil reais).

Tabela 7: PIB per capita por município da MRG e taxa de crescimento (2010 e 2020).

Município	2010	2020	Crescimento (%)
Angelina	26.551	31.486	19%
Canelinha	21.229	17.361	-18%
Leoberto Leal	26.906	39.959	49%
Major Gercino	18.407	15.604	-15%
Nova Trento	40.869	42.369	4%
São João Batista	31.648	22.871	-28%
Tijucas	38.925	48.369	24%

Fonte: IBGE (2020); Elaboração própria.

Dado que o estudo busca analisar a microrregião de Tijucas, o maior município da microrregião é o que leva o seu nome. Segundo dados do IBGE, o PIB do município em 2020 foi de R\$1.893.896,80,00. Os setores mais relevantes na economia de Tijucas são os de comércio e serviços, que juntos representam cerca de 65,6% do PIB municipal. O setor agropecuário também tem uma participação importante, respondendo por 13,3% do PIB. Já a indústria tem uma participação menor, representando apenas 10,5% do PIB. Em termos de comércio regional, Tijucas possui uma boa infraestrutura comercial, com destaque para a presença de grandes redes de supermercados e lojas de departamentos. A cidade também é sede de um polo calçadista que abrange diversas empresas que produzem calçados para exportação. Por fim, é importante destacar que Tijucas possui um grande potencial turístico, com praias e paisagens naturais muito procuradas por visitantes. Esse setor, juntamente com o comércio e os serviços, tem se mostrado importante para o desenvolvimento econômico da cidade nos últimos anos.

O segundo município mais populoso é o de São João Batista, com uma economia predominantemente baseada na produção de calçados e artefatos de couro. De acordo com dados do IBGE de 2018, o valor adicionado bruto do setor industrial representou 37,7% do PIB municipal, enquanto o setor de serviços respondeu por 12,3% e a agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura por apenas 1%. O PIB de São João Batista em 2020 foi de R\$882.424.920,00. O setor de atividade econômica com maior contribuição para o PIB municipal foi a indústria, seguida pelo setor de serviços e pela agropecuária. No que diz respeito ao comércio regional, a cidade de São João Batista é atendida pelo comércio das cidades vizinhas, como Tijucas e Brusque.

Seguindo a análise da microrregião, temos o município de Nova Trento. A economia da cidade é baseada em atividades agropecuárias e no turismo religioso, especialmente devido à presença do Santuário de Santa Paulina. De acordo com dados do IBGE, o PIB de Nova Trento em 2020 foi de R \$626.291.760,00, sendo o setor da indústria o principal responsável pela geração de riqueza no município, com uma participação de 55,2% no PIB. Em seguida, aparece o setor de serviços com agropecuário, com uma participação de 3,0% no PIB municipal. Quando comparado ao PIB do estado de Santa Catarina, Nova Trento corresponde a apenas 0,12% do PIB estadual. O setor agropecuário de Nova Trento é composto por atividades como a produção de hortifrutigranjeiros, criação de aves, suínos e bovinos para produção de leite e carne. Já o setor industrial é formado por pequenas indústrias de transformação, principalmente de alimentos, como fábricas de massas, biscoitos e embutidos. Além disso, a cidade também conta com uma forte tradição no cultivo de uvas e na produção de vinho, que tem impulsionado o turismo gastronômico na região.

A dinâmica econômica de Canelinha é baseada principalmente nos serviços, na indústria de transformação e na agricultura. De acordo com dados do IBGE, o PIB de Canelinha em 2020 foi de R\$2.152.404.300,00. sendo que a agropecuária teve a maior participação no PIB municipal, com 29,4%, seguida pela indústria (24,9%) e pelos serviços (45,7%). No setor agropecuário, a produção de aves e a suinocultura são as principais atividades econômicas. Já na indústria, destacam-se a fabricação de produtos alimentícios e a indústria madeireira. Canelinha possui um centro comercial com uma boa variedade de lojas, além de um mercado público que oferece produtos locais e artesanais. A cidade também conta com um polo industrial, que abriga diversas empresas de pequeno e médio porte.

A economia do município de Angelina é baseada principalmente na agropecuária e no setor de serviços. No que diz respeito aos setores de atividades econômicas mais relevantes, em 2020 o setor agropecuário somou 41% do PIB, seguido pelo setor de serviços, que

correspondeu a 27,8% do PIB municipal. Vale ressaltar que o município tem uma participação pouco expressiva no PIB estadual, representando apenas 0,03% do total. O setor agropecuário é composto principalmente pela produção de leite e criação de bovinos, suínos e aves. Já no setor industrial, destaca-se a fabricação de móveis e a produção de artefatos de madeira. No setor de serviços, destacam-se o comércio, serviços de alimentação e hospedagem. A cidade não tem um polo industrial expressivo, sendo a maioria das empresas de pequeno e médio porte.

De acordo com dados do IBGE de 2018, o PIB de Leoberto Leal era de R\$119.876.060,00. A agropecuária é o setor que mais contribui para o PIB municipal, com 46%, seguido pelos serviços (26,7%). Em termos regionais, o município representa 0,06% do PIB da região sul do Brasil. O setor que mais emprega é o de serviços, seguido pela indústria e pela agropecuária. A cidade de Leoberto Leal é atendida pelo comércio da região, com destaque para a cidade de Rio do Sul, que possui um comércio mais estruturado e diversificado. A agropecuária é uma atividade importante na região, porém, em menor grau em comparação com outros municípios da região.

A cidade de Major Gercino possui uma economia predominantemente agrícola, com destaque para a produção de leite e derivados, cultivo de mandioca, banana e avicultura. Segundo dados do IBGE de 2020, o PIB municipal era de R\$53,894 milhões, sendo o setor agropecuário o mais representativo, com 48,9% de participação. O setor de serviços contribui com 27% do PIB e a indústria, com apenas 11%. Quanto ao comércio regional, a cidade tem um comércio local modesto e concentrado em atividades como alimentação, vestuário e materiais de construção. O setor de serviços é o segundo mais representativo.

A Tabela 8 refere-se aos números absolutos e relativos da população em idade ativa (PIA) e da população na força de trabalho (PEA) na microrregião de Tijucas e no agregado de Santa Catarina. Ainda que, em 2010, a proporção da população na força de trabalho tenha sido levemente inferior na MRG de Tijucas comparado ao agregado do estado (65,3% e 65,5%), percebe-se que a proporção da força de trabalho ocupada na MRG é superior à média catarinense (97,9% contra 96,2%), evidenciando que os níveis de desocupação são bastante baixos na região.

Tabela 8: PIA e condição de ocupação com relação à força de trabalho (Mil pessoas), MRG de Tijucas e Santa Catarina (2010).

	MRG			SC		
	Pessoas	% PIA	% PEA	Pessoas	% PIA	% PEA
PIA	79.274	100,0%	-	5.405.906	100,0%	-
PEA	51.786	65,3%	100,0%	3.543.218	65,5%	100,0%
Ocupados	50.687	63,9%	97,9%	3.408.833	63,1%	96,2%
<i>Empregados</i>	34.298	43,3%	66,2%	2.395.058	44,3%	67,6%
<i>/ Emp. Formais</i>	28.602	36,1%	55,2%	1.999.330	37,0%	56,4%
<i>/ Emp. Informais</i>	5.695	7,2%	11,0%	146.631	2,7%	4,1%
Conta Própria	12.563	15,8%	24,3%	395.727	7,3%	11,2%
Empregadores	1.388	1,8%	2,7%	54.171	1,0%	1,5%
Não Remunerados	517	0,7%	1,0%	90.009	1,7%	2,5%
Consumo Próprio	1.922	2,4%	3,7%	107.197	2,0%	3,0%

Fonte: IBGE (2010); Elaboração própria.

No que diz respeito ao nível de formalização do emprego, nota-se que, em 2010, mais da metade das pessoas na força de trabalho (55,2%) estavam ocupadas em empregos formais - trabalhadores de carteira assinada, militares ou trabalhadores em regime estatutário. Esse número, entretanto, fica abaixo da média catarinense (56,4%), indicando que, mesmo havendo maiores níveis de ocupação na MRG, estes refletem um percentual de informalidade superior ao restante do estado. No caso dos trabalhadores por conta própria, chama atenção que a proporção destes na PEA da MRG é mais da metade da proporção em Santa Catarina (24,3% face a 11,2% no estado).

A Tabela 9 mostra as contribuições absolutas e relativas de cada município nos Vínculos Formais de Trabalho (VFT) da MRG, assim como suas respectivas variações de participação e taxas de crescimento.

Tabela 9: VFT por município da MRG Tijucas (2002 e 2021).

Município	2002		2021		TX. Cresc.	Var. Part.
	VFT	Part. (%)	VFT	Part. (%)		
Angelina	389	3%	854	2%	1,2	-1%
Canelinha	1.455	11%	2.852	8%	1,0	-3%
Leoberto Leal	167	1%	471	1%	1,8	0%
Major Gercino	232	2%	542	1%	1,3	0%
Nova Trento	2.144	16%	6.147	17%	1,9	1%
Sao Joao Batista	3.717	28%	9.528	26%	1,6	-2%
Tijucas	5.246	39%	16.070	44%	2,1	5%
Total	13.350	-	36.464	-	1,7	-

Fonte: MTE (2021); Elaboração própria.

Entre 2002 e 2021 o município de Tijucas foi o que apresentou a maior taxa de crescimento de VFT entre os municípios da microrregião (210%), sendo assim o que mais expandiu sua participação nos estoques agregados (5%). Os municípios de Nova Trento e de Leoberto Leal também apresentaram taxas de crescimento de VFT bastante elevadas no período, na ordem de 190% e 180% respectivamente. Os municípios que mais perderam participação no estoque de VFT da MRG de Tijucas foram os de Canelinha (-3%, com crescimento de 100%) e de São João Batista - mesmo que tenha se mantido na posição de segunda maior participação.

A Tabela 10 demonstra a variação percentual da dispersão dos VFT entre 2002 e 2021 em termos dos subsetores de atividade econômica conforme a classificação do IBGE, também utilizando como base os dados disponibilizados pela Rais.

Tabela 10: VFT por subsetor de atividade econômica, MRG Tijucas (2002 e 2021).

	2002		2021		TX. Cresc.	Var. Part.
	VFT	Part. (%)	VFT	Part. (%)		
Prod. Mineral não Metálico	2.601	19%	3.363	9%	29%	-10%
Indústria Têxtil	707	5%	3.343	9%	373%	4%
Indústria Calçados	1.868	14%	5.083	14%	172%	0%
Comércio Varejista	1.645	12%	5.077	14%	209%	2%
Administração Pública	1.770	13%	3.558	10%	101%	-4%
Construção Civil	798	6%	2.734	7%	243%	2%

Fonte: MTE (2021); Elaboração própria.

Em 2021 o emprego formal da região se concentrou principalmente na indústria de calçados (14%) e no comércio varejista (14%). Nota-se que, assim como ocorre no estado

catarinense, na MRG de Tijucas a indústria têxtil também possui boa contribuição em termos de emprego formal, em que os 3,3 mil VFT correspondem a 10% do total, sendo o segmento que mais cresceu (373%) e mais aumentou sua participação (4%) de 2002 a 2021. Embora os empregos da administração pública tenham mais do que duplicado nesse período, sua participação percentual apresentou uma queda de -4%, só não sendo inferior à queda registrada na produção mineral não metálica (-10%).

A Tabela 11 apresenta a evolução da distribuição dos VFT na MRG de Tijucas por faixa salarial mensal.

Tabela 11: VFT por faixa de remuneração média, MRG Tijucas (2004 e 2019).

Faixa Sal. Mensal	2004		2019		TX. Cresc.	Var. Part.
	VFT	Part. (%)	VFT	Part. (%)		
Até 1,5 SM	8.737	61%	20.847	61%	1,4	0,6%
1,51 a 3 SM	5.046	35%	12.150	36%	1,4	0,7%
3,01 a 5SM	423	3%	696	2%	0,6	-0,9%
5,01 a 10SM	159	1%	221	1%	0,4	-0,5%
Mais de 10SM	55	0%	79	0%	0,4	-0,1%
Total	14.432	100%	34.088	100%	1,4	-

Fonte: MTE (2018); Elaboração própria.

Ainda que a MRG de Tijucas tenha passado por um expressivo crescimento do emprego formal entre 2004 e 2019, os dados da Tabela 11 mostram que estes se concentraram nas menores faixas de remuneração. A maioria dos trabalhadores que ingressaram no mercado formal de trabalho entre 2004 e 2019 receberam salários de até 3 Salários Mínimos (SM), faixa que apresentou crescimento de 140%. As únicas faixas de remuneração a aumentarem sua participação nos estoques de VFT foram de 1,51 a 3 SM (0,7%) e de até 1,5 SM (0,6%). Se em 2004 cerca de 8,7 mil trabalhadores formais recebiam até 1,5 SM, em 2019 esse número se elevou para 20,8 mil, concentrando 61% dos empregos formais da MRG. Ainda que a faixa de 1,51 a 3 SM tenha apresentado maior expansão na participação, em 2019 aparece como segunda maior participação no estoque da MRG, em que os 12,1 mil VFT correspondem a 36% do total da região.

Para todas as outras faixas de remuneração, nota-se que, ainda que tenham apresentado taxas de crescimento entre 40% e 60%, perderam participação no estoque de VFT da microrregião de Tijucas. Em 2019, a MRG registrou apenas 273 vínculos formais a mais que em 2004 na faixa de remuneração entre 3,01 e 5 SM, o que indica uma queda de quase 1% na participação dessa faixa nos estoques, sendo a maior variação negativa entre os níveis de

remuneração salarial. No mesmo sentido, as faixas de 5,01 a 10 SM e de mais de 10 SM também apresentaram perda de participação nos estoques de VFT na MRG, na ordem de -0,5% e -0,1% respectivamente.

6. CONTEXTO SOCIAL

6.1 EDUCAÇÃO

Para analisar o quadro social da microrregião de Tijucas, faz-se necessário detalhar alguns de seus principais indicadores de aspectos básicos acerca de setores como a Saúde, Educação, Desenvolvimento Humano e Saneamento Básico, por exemplo. De início, iremos observar os resultados apresentados pelos municípios da MRG referentes ao campo educacional.

De acordo com os dados expostos na Tabela 6 acerca do nível de escolarização populacional e das taxas de analfabetismo de cada município, percebemos que os municípios da microrregião apresentam altas taxas de escolarização de habitantes que possuem idade entre 6 e 14 anos, sendo a menor taxa percentual de 94,9%, apresentada pelo município de São João Batista. No entanto, a proporção de analfabetos com 15 anos de idade ou mais é relativamente alta quando posta em comparação com a do estado de Santa Catarina também em 2010, que foi de 3,9%. Todos os municípios do recorte territorial apresentam percentual maior que a média do estado, sendo o maior deles pertencente ao município de Angelina, sendo igual a 13,6%. Uma observação curiosa que pode ser feita a partir dos mesmos dados é a de que, mesmo liderando na taxa anterior, Angelina é a cidade que apresenta maior percentual de escolarização entre seus habitantes de 6 a 14 anos de idade, revelando uma possível adoção de políticas sociais que visem a diminuição do nível de analfabetos com idade mais avançada.

Quanto às taxas de nível de escolaridade apresentadas na microrregião de Tijucas, os resultados são reflexos altamente representativos da baixa industrialização e reduzida demanda de mão de obra qualificada presente no território. Todos os sete municípios possuem resultados abaixo da média de Santa Catarina, onde a proporção da população de 25 anos ou mais com ensino médio completo era de 37,03% em 2010 enquanto a graduada era de 12,53%. Os maiores índices são encontrados em Tijucas, fato que pode ser explicado pela presença de instituições de ensino superior de maior porte no município, em especial um campus da Univali. Outra característica explicativa para sua liderança é a presença de

empresas de maior porte em seu território, a exemplo da indústria de cerâmicas Portobello. O assustador baixo percentual de população com ensino superior completo é também resultado da tendência de fuga estudantil do local, que acaba por buscar melhor qualidade de ensino e mercados de trabalho mais exigentes e competitivos nas regiões vizinhas.

Tabela 8: Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade em 2010, população com 25 anos de idade ou mais com Ensino Médio completo, população com 25 anos de idade ou mais com Ensino Superior completo e taxa de analfabetos com 15 anos de idade ou mais nos municípios da microrregião de Tijucas

Município	Taxa de Escolarização de 6 a 14 anos de idade (%)	População com 25 anos de idade ou mais com Ensino Médio Completo (%)	População com 25 anos de idade ou mais com Ensino Superior Completo (%)	Taxa de Analfabetos com 15 anos ou mais de idade (%)
Angelina	99,3	11,43	4,86	13,6
Canelinha	98,5	7,81	4,38	11,2
Leoberto Leal	98,9	8,30	3,59	11,9
Major Gercino	98	11,27	3,9	8,5
Nova Trento	99,1	18,36	6,81	5,7
São João Batista	94,9	20,79	4,82	4,6
Tijucas	96,5	27,34	7,92	8,8
Total	97,89	15,04	5,18	9,19

Fonte: IBGE (2022). Elaboração própria.

6.2 SANEAMENTO BÁSICO

De acordo com o censo demográfico de 2010, dois dos sete municípios da microrregião possuem menos de 50% de sua população com esgotamento sanitário adequado, sendo eles Leoberto Leal e Canelinha, demonstrando o valor de 41,2% e 47,8%,

respectivamente. O município com maior taxa de esgotamento adequado foi Tijuca, com 86,9%. No entanto, o resultado final da média entre os sete municípios é altamente preocupante, sendo no valor de 63,64%, significando que pouco mais do que a metade de todo o contingente populacional tem acesso a um esgotamento sanitário considerado como adequado.

Ainda segundo o censo de 2010, os resultados obtidos acerca do percentual da população contemplada com abastecimento de água nos municípios da microrregião e visíveis na Tabela 7 revelam uma grande problemática. Enquanto o maior percentual de abrangência fica com São João Batista, onde 94,49% de seus habitantes possuem abastecimento, o menor valor é apresentado por Angelina, onde é verificado que apenas 17,18% têm acesso ao mesmo recurso. Na sequência de piores resultados obtidos, observamos Leoberto Leal e Major Gercino, com 21,51% e 33,11%, respectivamente. Tais resultados transparecem uma alta fragilidade da microrregião no quesito abastecimento de água à população, serviço que pode ser considerado como básico para o bem-estar de seu quadro populacional. A média dos sete municípios também é baixa, resultando no valor de 57,41%. Tal valor nos leva a entender que pouco mais da metade de todos os habitantes da microrregião é contemplada pelo abastecimento de água em suas residências. Políticas e estratégias para resolução deste quadro problemático mostram-se como prioritárias no campo em que tange ao saneamento básico populacional.

Tabela 9: Taxa de abrangência de Esgotamento Sanitário Adequado e Taxa de Abastecimento de Água pelo número de habitantes nos municípios da microrregião de Tijucas

Município	Taxa de Abrangência de Esgotamento Sanitário Adequado	Taxa de Abastecimento de Água pelo número de habitantes
	(%)	(%)
Angelina	64,7	17,18
Canelinha	47,8	77,14
Leoberto Leal	41,2	21,51
Major Gercino	54,3	33,11
Nova Trento	70,8	71,46
São João Batista	79,8	94,49
Tijucas	86,9	86,95
Total	63,64	57,41

Fonte: FECAM (2023) e IBGE (2023). Elaboração própria

6.3 SAÚDE

No campo da saúde, quase todos os dados demonstrados na Tabela 8 apresentam resultados inferiores aos obtidos como média para o estado de Santa Catarina. O destaque negativo fica com a taxa de mortalidade infantil, que apresentou um aumento durante a primeira década do século, passando de 12,54 em 2000 para 14,26 em 2010, ambos índices maiores que a média estadual. Ponto de atenção deve ser voltado aos municípios de Angelina e Nova Trento, que apresentaram crescimento de mais de 100% na taxa, e ainda mais quanto a São João Batista, que acresceu o indicador em mais de 300%. Destaque positivo fica com o pequeno município de Major Gercino, que apresentou taxa nula em ambos recortes temporais. Quanto à expectativa de vida, é possível perceber uma elevação singela na média da MRG. Tal resultado se deu por conta da evolução da taxa em todos os integrantes, chegando muito próxima a expectativa de vida do estado no ano de 2010, que era de 76,61 anos.

Além disso, outro resultado que chama a atenção é o referente às quantidades de leitos hospitalares a cada mil habitantes dos municípios da microrregião. Major Gercino, mesmo sendo o segundo menor representante em números absolutos populacionais, possui uma alta

oferta de leitos, mais especificamente o valor de 37,28. Esse valor é mais de 1.000 vezes maior que o apresentado pelo estado de Santa Catarina no ano (3,2). Somando ao pequeno município, e com grande participação das também pequenas cidades de Leoberto Leal e Angelina, o valor total da microrregião no quesito é de 9,3, superando a quantidade ideal orientada pela OMS (3 a 5 leitos para cada mil habitantes). No entanto, o valor demonstrado pela razão entre número de médicos disponíveis para a mesma quantidade de habitantes não segue a mesma tendência, sendo de 0,79 na microrregião e 0,3 no município de Major Gercino, ambos resultados abaixo do apresentado pelo estado no mesmo ano, que foi de 1,58.

Tabela 7: Taxa de mortalidade infantil a cada mil nascidos, expectativa de vida ao nascer, quantidade de leitos hospitalares a cada mil habitantes e quantidade de médicos a cada 1000 habitantes nos municípios da microrregião de Tijucas (2000 e 2010).

Município	Taxa de Mortalidade Infantil		Expectativa de Vida ao nascer		Quantidade de Leitos Hospitalares	Quantidade de Médicos
	2000	2010	2000	2010		
Angelina	13,51	29,41	71,72	72,82	10,1	2,1
Canelinha	24,09	16,53	71,16	76,89	1,98	0,57
Leoberto Leal	17,24	0	71,64	74,06	9,23	0,89
Major Gercino	0	0	73,3	74,06	37,28	0,3
Nova Trento	14,38	30,77	73,99	78,43	3,12	0,49
São João Batista	4,5	16,87	73,45	76,9	1,56	0,27
Tijucas	14,08	6026	72,75	77,39	1,87	0,94
Total	12,54	14,26	72,57	75,79	9,3	0,79

Fonte: FECAM (2023) e IBGE (2023). Elaboração própria.

6.4 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ao analisarmos os índices de desenvolvimento humano presentes na microrregião de Tijucas conforme apresentados na Tabela 8, percebemos novamente valores distintos aos de média estadual. O IDH-M da microrregião, conforme calculado pelo IBGE nos censos demográficos de 2000 e 2010, passou de 0,61 em 2000 para 0,716 em 2010, enquanto que os resultados estaduais passaram de 0,674 em 2000 para 0,774 em 2010. A partir disso, evidencia-se um avanço no desenvolvimento humano, porém ainda baixo quando comparados aos resultados estaduais. O município com o mais alto IDH-M em ambos os anos

foi Tijucas, com um resultado de 0,669 em 2000 e de 0,76 em 2010. Já o representante do menor IDH-M em 2000 foi Angelina, com um resultado de 0,552, enquanto que em 2010 passou a ser Leoberto Leal, com um resultado de 0,686.

As análises a serem feitas a partir dos resultados demonstrados de IDH-M dos municípios que compõem a microrregião de Tijucas muito se assemelham a tendência apresentada pelos dados anteriormente citados. Os municípios menores em número de habitantes e em representatividade econômica geralmente detêm os índices inferiores, enquanto os maiores são representados pelos municípios de maior porte. Enquanto as médias da microrregião como um todo, elas por vezes chegam próximas ao valor obtido por Santa Catarina, no entanto, na grande maioria das comparações, ainda ficam abaixo do nível médio estatal.

Tabela 8: Índice de desenvolvimento humano dos municípios da microrregião de Tijucas de acordo com os censos demográficos de 2000 e 2010.

Município	IDH-M	
	2000	2010
Angelina	0,552	0,687
Canelinha	0,618	0,697
Leoberto Leal	0,536	0,686
Major Gercino	0,591	0,698
Nova Trento	0,646	0,748
São João Batista	0,663	0,74
Tijucas	0,669	0,76
Total	0,61	0,716

Fonte: IBGE (2023). Elaboração própria.

6. PERSPECTIVAS ECONÔMICAS E SOCIAIS DA MICRORREGIÃO

Como desenvolvido no presente trabalho, nota-se que a MRG de Tijucas é caracterizada por uma concentração econômica e demográfica nos municípios de São João Batista e de Tijucas. Enquanto o primeiro é caracterizado como principal pólo produtivo da região, propulsionado pela indústria de calçados e seus apêndices, o segundo tem nos

subsetores de transporte rodoviário de cargas e no comércio varejista os maiores focos de produção de valor. Ao mesmo tempo, os municípios menores ainda são bastante dependentes da produção primária, setor menos intensivo na utilização de mão de obra.

O setor calçadista possui uma estrutura industrial caracterizada por fragmentação produtiva, diversidade de porte das unidades de produção e variedade de produtos. Isso possibilita a exploração de vários nichos de mercado e a existência de diversas empresas distintas. Santa Catarina se destaca na produção de calçados femininos, juntamente com o Rio Grande do Sul, agregando maior valor aos produtos. É necessário implementar políticas econômicas e industriais que atendam às necessidades da indústria calçadista local, levando em consideração suas características singulares. Houve mutações na produção regional devido à globalização, com destaque para qualidade e design. Essas mudanças ocorrem principalmente em nível individual, não afetando toda a indústria. A região também se beneficia de negócios relacionados à produção principal, principalmente devido às empresas de menor porte ligadas ao abastecimento local de matéria-prima. As empresas líderes procuram fornecedores fora da região, enquanto as empresas menores dependem do circuito local.

Tendo isso em vista, faz-se necessário que a microrregião articule um plano de ação visando o aprofundamento da integração econômica e social dos municípios que acompanhem. Tal objetivo poderá ser alcançado tendo como ponto de partida a articulação dos demais setores à produção têxtil e calçadista, sobretudo aprofundando os vínculos com as empresas menores cujo mercado consumidor é local. É mister estabelecer uma dinâmica de integração produtiva entre o fornecimento de matérias primas à indústria têxtil e calçadista, que encontram no comércio local forte potencial de absorção. Além disso, a posição estratégica de Tijucas, fator que sempre constou como diferencial da região, deve ser melhor aproveitado, tanto no sentido de uma integração com os mercados e unidades produtivas das regiões vizinhas (indústria têxtil no Vale do Itajaí e pólo tecnológico em Florianópolis) no caso das pequenas e médias empresas, quanto com os demais centros comerciais do Brasil, através de rodovias federais.

O melhoramento da infraestrutura regional traz ganhos logísticos e produtivos a todos os setores, na medida em que facilita o escoamento das mercadorias para comercialização nos centros econômicos. O potencial de crescimento da indústria, ao ser sustentado sobre a produção primária na região, coloca a possibilidade de uma expansão e dinamização econômica e demográfica também das cidades menores, corrigindo os gargalos de capital e trabalho que migram para as regiões mais urbanizadas. Para além do setor calçadista, nota-se

que Tijucas e Canelinha carregam em suas marcas históricas um enorme potencial para o desenvolvimento da fabricação de produtos cerâmicos, podendo ser outro foco de investimentos na região. Além disso, a preparação e fiação de fibras têxteis, segmento bastante produtivo em Nova Trento e Canelinha, pode canalizar a demanda da indústria têxtil presente no Vale do Itajaí e no Norte do estado.

7. CONCLUSÕES

No que se refere aos aspectos demográficos, percebe-se que São João Batista e Tijucas são os municípios com maior crescimento populacional, o que denota um movimento de concentração populacional nas maiores cidades da MRG. Em grande medida o crescimento demográfico desses municípios decorre da dependência produtiva perante uma indústria calçadista em expansão. Quanto à população em área urbana, nota-se que os maiores percentuais estão exatamente nos municípios maiores e mais desenvolvidos, enquanto os municípios com menor população, são também os com maioria da população residindo em área rural, muito por conta da base produtiva na agricultura familiar, que se assenta sobre a pequena propriedade e é pouco intensiva em mão de obra. Somam-se a isso fatores referentes à qualidade de vida nesses municípios, uma vez que o acesso a serviços públicos, melhores empregos e melhores salários estão concentrados nos maiores municípios, que são os que apresentam maior crescimento econômico e demográfico.

Quanto à estrutura produtiva e dinâmica econômica, a MRG de Tijucas se destaca da média catarinense por uma maior dependência da indústria, em especial na fabricação de calçados. Mesmo que este setor tenha passado por quedas significativas no estado (-4,2%), a indústria calçadista conseguiu atenuar as quedas da indústria na MRG. No tangente ao setor agropecuário, a queda na participação do setor no PIB da MRG (-5.7%) foi superior à queda observada no estado (-3,5%), processo que aparece como expressão da concentração econômica e demográfica nos maiores municípios da MRG, haja vista que nos municípios menores o setor agrícola não se consolidou com o mesmo grau de dinamismo observado na indústria e nos serviços em Tijucas e São João Batista.

No mercado de trabalho, é perceptível que, mesmo tendo uma taxa de desocupação menor que a média estadual, a MRG peca ao apresentar um nível de formalização inferior à média catarinense (55,2% contra 56,4%). Destaque para os trabalhadores por conta própria, cuja proporção na PEA da MRG é mais da metade da proporção em Santa Catarina (24,3% contra 11,2% no estado). Na última década, a evolução de VFT na MRG foi protagonizada

pelas maiores taxas de crescimento em Tijuucas (210%), que expandiu sua participação nos estoques da MRG (5%). Por outro lado, os municípios que mais perderam participação no estoque de VFT da MRG de Tijuucas foram os de Canelinha (-3%) e de São João Batista (-2%). O emprego formal da região se concentrou basicamente na indústria de calçados (14%) e no comércio varejista (14%). De forma similar ao observado no restante do estado, na MRG de Tijuucas a indústria têxtil também possui boa contribuição em termos de emprego formal, em que os 3,3 mil VFT correspondem a 10% do total, sendo o segmento que mais cresceu (373%) e mais aumentou sua participação no período (4%). No entanto, vale ressaltar que, mesmo apresentando elevado crescimento do emprego formal, estes se concentraram nas menores faixas de remuneração: até 3 Salários Mínimos (SM), faixa que apresentou crescimento de 140% e foi a única a ampliar sua participação nos estoques de VFT. As demais faixas salariais superiores apresentaram leve redução na sua participação nos estoques.

Os municípios da microrregião apresentam altas taxas de escolarização para a faixa etária de 6 a 14 anos, com a menor taxa sendo de 94,9% em São João Batista. No entanto, a proporção de analfabetos acima de 15 anos é relativamente alta em comparação com a média estadual, sendo o maior percentual em Angelina, com 13,6%. Angelina também possui o maior percentual de escolarização nessa faixa etária, indicando a adoção de políticas sociais para combater o analfabetismo. Em relação ao nível de escolaridade na microrregião de Tijuucas, todos os municípios apresentam resultados abaixo da média estadual, refletindo a baixa industrialização e demanda por mão de obra qualificada. Tijuucas se destaca por ter instituições de ensino superior e empresas de maior porte, mas a região enfrenta uma fuga de estudantes em busca de melhor qualidade de ensino e oportunidades de emprego nas regiões vizinhas.

No tocante ao saneamento básico, de acordo com o censo demográfico de 2010, apenas dois dos sete municípios da microrregião possuem menos de 50% de sua população com esgotamento sanitário adequado, sendo Leoberto Leal e Canelinha, com taxas de 41,2% e 47,8%, respectivamente. Tijuucas é o município com a maior taxa de esgotamento adequado, com 86,9%. No entanto, a média geral da microrregião é preocupante, com apenas 63,64% da população tendo acesso a um esgotamento sanitário considerado adequado. Em relação ao abastecimento de água, os resultados também são problemáticos. São João Batista possui o maior percentual de abrangência, com 94,49% da população com acesso ao abastecimento, enquanto Angelina tem o menor valor, com apenas 17,18%. Leoberto Leal e Major Gercino apresentam resultados igualmente baixos, com 21,51% e 33,11%, respectivamente. A média

dos sete municípios é de 57,41%, indicando que pouco mais da metade da população tem acesso ao abastecimento de água em suas residências. É necessário desenvolver políticas e estratégias para resolver essa situação problemática o mais rápido possível.

No campo da saúde, a maioria dos dados da Tabela 8 indica resultados inferiores à média do estado de Santa Catarina. A taxa de mortalidade infantil é um destaque negativo, mostrando um aumento durante a primeira década do século, com índices superiores à média estadual. Angelina e Nova Trento tiveram um crescimento de mais de 100% na taxa, enquanto São João Batista teve um aumento de mais de 300%. Por outro lado, Major Gercino teve uma taxa nula em ambos os períodos. Quanto à expectativa de vida, houve um pequeno aumento na média da microrregião, aproximando-se da expectativa de vida do estado em 2010, que era de 76,61 anos. Em relação aos leitos hospitalares por mil habitantes, Major Gercino se destaca com uma alta oferta de leitos, com um valor mais de 1.000 vezes maior do que a média estadual. A microrregião, incluindo Leoberto Leal e Angelina, também supera a quantidade ideal recomendada pela OMS. No entanto, a relação entre o número de médicos disponíveis e a mesma quantidade de habitantes não segue a mesma tendência, com valores abaixo da média do estado.

As análises dos resultados do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) nos municípios da microrregião de Tijucas refletem uma tendência semelhante aos dados mencionados anteriormente. Os municípios menores em população e representatividade econômica geralmente apresentam índices mais baixos, enquanto os maiores são representados pelos municípios de maior porte. Embora em algumas ocasiões as médias da microrregião se aproximem dos valores de Santa Catarina, na maioria das comparações ainda ficam abaixo da média estadual.

8. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. da M. **Notas sobre os determinantes tecnológicos do Catching UP:** Uma introdução à discussão sobre o papel dos sistemas nacionais de inovação na periferia. In: IPE/USP: V. 27. N. 02, 1997.

ALMEIDA, Efigenia Soares. **O polo cerâmico do Vale do Rio Tijucas:** Análise da Exploração Mineral e da Degradação Ambiental. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

ARAÚJO, Claudio Marcelo Garcia. **A exploração da força de trabalho infantil na fuminicultura no município de Angelina.** Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CEAG/SC. **Evolução Histórica de Santa Catarina:** estudo das alterações estruturais (séc. XVII-1960). Florianópolis: Imprensa Universitária, 1980.

CUNHA, Alba Laura da. **O êxodo rural no município de Leoberto Leal.** Dissertação (Mestrado em Geologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

DIONÍSIO, Ana Carolina. **Memórias de trabalho, veneno e fumaça:** Uma análise histórica sobre os impactos socioambientais da produção integrada de tabaco no Alto Vale do Rio Tijucas (SC, 1970-2000). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

FEDERAÇÃO CATARINENSE DOS MUNICÍPIOS. **Sistema de Indicadores de Desenvolvimento Municipal Sustentável.** [S. l.], 15 mai. 2023. Disponível em: <https://indicadores.fecam.org.br/>. Acesso em: 15 mai. 2023.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna:** Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2000.** Brasília, 2000. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2000/inicial>. Acesso em: 14 mai. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2010.** Brasília, 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial>. Acesso em: 14 mai. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>. Acesso em: 14 mai. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnsb/pnsb-2017>. Acesso em: 14 mai. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População estimada: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2020**.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabelas da Divisão Territorial Brasileira 2022**. Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/23701-divi-sao-territorial-brasileira.html>. Acesso em: 14 mai. 2023.

MAMIGONIAN, Armen. **A indústria em Brusque (Santa Catarina) e suas conseqüências na vida urbana**. Rio de Janeiro: Boletim Carioca de Geografia, 1960.

MATTEI, Lauro; NUNES, Hoyêdo L. **A socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI**. Chapecó: Argos, 2010.

PRADO JR, Caio. **História/org**. Francisco Iglésias. São Paulo: Editora Ática, 1982.

ROSA, Helton Rogério da. **Gênese, Evolução e Reestruturação da Indústria Calçadista de São João Batista - SC**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. **Trentinos em Santa Catarina: a evolução econômica de Nova Trento (1875-1960)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

SILVA, W. D. da. **A emancipação de São João Batista**. Florianópolis: Ledix, 2010.

WIKIPEDIA. **Lista de mesorregiões e microrregiões em Santa Catarina.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_e_microrregi%C3%B5es_de_Santa_Catarina. Acesso em: 14 mai. 2023.